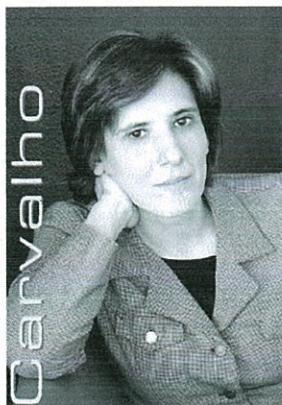


opinião

Susana
CarvalhoSaber viver
num mundo
de paradoxos

A recessão global está a desafiar centenas de milhões de pessoas, particularmente no chamado mundo desenvolvido, obrigando-nos a repensar e a dosear as nossas expectativas e aspirações, quer ao nível pessoal, quer nas empresas.

As verdades e certezas de ontem transformaram-se, sem aviso prévio, numa interrogação à escala mundial, desdobrada em múltiplas questões para as quais cada um de nós procura respostas.

O que é certo por agora é que os paradoxos estão aí, a inquietar-nos, deixando antever que nada será como dantes.

1. Ter tempo ou não o ter, um bem ou uma prisão.

Construímos e fizemos crescer as nossas empresas, impusémos metas, cumprimos e ultrapassamos, pedimos mais, fizemos mais, definimos novas metas, fomos atrás, corremos. Esticámos o tempo e quase conseguimos vencê-lo.

Nesse intervalo, ficámos sem tempo para viver; o tempo tornou-se um bem precioso e escasso; já não queremos vencê-lo, queremos apenas deixar de correr, ter tempo para respirar, para pensar, para reflectir e agir.

Como é que voltamos a saltar à corda, quando a corda já esticou?

Por outro lado, com o desemprego a subir vertiginosamente, afectando transversalmente todas as classes sociais, os mais novos e os mais velhos, o tempo abunda para alguns. Tempo que afinal já ninguém quer porque é um tempo vazio. De projectos, de expectativas, de sonhos incumpridos no final de cada mês sem salário.

2. Viver Hoje ou Amanhã, gastar ou arrecadar.

Mandam-nos viver no curto prazo e convidamos os outros a fazê-lo. Carpe diem.

E gastamos. Consumimos e deixamo-nos seduzir pela força de um Hoje que parece ser eterno. Mas sabemos que estamos a esgotar os recursos, a todos os níveis, e que temos de ter contenção para o futuro, que amanhã está quase aí, e que o que temos hoje pode lá não chegar. E sabemos também, que em diferentes pontos do mundo, alguns à nossa porta, não sabem o que é gastar nem arrecadar o que nunca tiveram, nem sabem o que é o desperdício porque nunca conheceram a abundância. E é legítimo quererem lá chegar. O muito de uns e o nada de outros, o hoje ou o amanhã, o eu e os outros.

3. Desejo de mudança e o medo da mudança.

Em todos os inquéritos - públicos ou silenciosos -, a maior parte das pessoas quer mudar, mas não muda. Racionalizando ou apenas sentindo, sabem que é um imperativo, mas resistem infelizes e angustiados.

E transportam este paradoxo para as suas vidas, para as empresas. As próprias empresas, feitas de pessoas, se debatem entre sobrevivência e resiliência. Manter o trilho ou experimentar um novo atalho?

4. Menos Estado, melhor Estado ou Mais Estado, melhor Estado.

O neo-liberalismo, o capitalismo e a economia de mercado, sistemas de sucesso e desenvolvimento nas últimas décadas, em detrimento do proteccionismo e dos regimes fechados, saem agora fragilizados. Independência, risco, empreendedorismo ou segurança, confiança e protecção com Estados mais intervencionistas. Salvar o mundo ou deixar o mundo salvar-se?

5. Crise ou oportunidade.

Eu escolho a segunda. Esta é a minha mais firme convicção e vontade, que partilho e que desejo a todos em 2009, mais do que qualquer palpite, diagnóstico ou prognóstico. No plano do planeta, do País, das instituições, das empresas, das associações, das nossas vidas pessoais. Porque acredito na criatividade do ser humano e das empresas, na sua capacidade de adaptação e regeneração. E porque é das crises que nascem novas formas de olhar o futuro sem as fórmulas do passado. E ter a possibilidade de reescrever o futuro e ousar fazer de novo é uma grande oportunidade. Vamos agarrá-la já.

Presidente da Associação Portuguesa das Empresas
de Publicidade e Comunicação (APAP)
Susana Carvalho